



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

POLLYANNA DA SILVA NASCIMENTO

**NARRATIVAS DO PROTAGONISMO E EMPODERAMENTO FEMININO NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GURUGI II CONDE-PB**

**SUMÉ -PB
2024**

POLLYANNA DA SILVA NASCIMENTO

**NARRATIVAS DO PROTAGONISMO E EMPODERAMENTO FEMININO NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GURUGI II CONDE-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

Orientador: Professor Dr. Luan Gomes dos Santos de Oliveira.

**SUMÉ -PB
2024**



N244n Nascimento, Pollyanna da Silva.
Narrativas do protagonismo e empoderamento
feminino na Comunidade Quilombola de Gurugi II
Conde-PB. / Pollyanna da Silva Nascimento. - 2024.

47 f.

Orientador: Professor Dr. Luan Gomes dos Santos
de Oliveira.

Monografia - Universidade Federal de Campina
Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido; Curso de Licenciatura Interdisciplinar
em Educação do Campo.

1. Comunidade Quilombola Gurugi. II - Conde - PB.
2. Mulheres quilombolas. 3. Comunidades
tradicionais - Litoral Sul - Paraíba. 4.
Empoderamento feminino. 5. Protagonismo feminino.
6. Narrativas. I. Oliveira, Luan Gomes dos Santos
de. II Título.

CDU: 305(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

POLLYANNA DA SILVA NASCIMENTO

**NARRATIVAS DO PROTAGONISMO E EMPODERAMENTO FEMININO NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GURUGI II CONDE-PB**

**Monografia apresentada ao Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação do Campo do Centro de
Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Educação do Campo.**

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Luan Gomes dos Santos de Oliveira.
Orientador - UACIS/CDSA/UFCG**

**Prof.^a Dra. Aldinete Silvino de Lima.
Examinadora – UAEDUC/CDSA/UFCG**

**Prof. Dr. Wallace Gomes Ferreira de Sousa.
Examinador – UACIS/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em 17 de outubro de 2024

**SUMÉ - PB
2024**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e meus Ancestrais.

A minha avó Geovania e a minha mãe Cheila, pois foram elas que sempre me incentivaram e fizeram tudo que podiam para me dar as oportunidades que elas não tiveram, mas se esforçaram ao máximo para que eu pudesse tê-las e sempre foram minha inspiração de chegar aonde cheguei.

As minhas irmãs Rayanne e Renata que sempre estiveram perto de mim;

Aos meus primos que são como irmãos;

Meu tio Ancelmo que sempre me incentivou e foi quem me apresentou o curso de Licenciatura em Educação do Campo;

A Josinaldo e Marcus Augusto que também me ajudou a chegar aqui no curso;

Aos meus amigos Luclécia, Raiana, Mayandson, Suzana, Paloma e Aurea que sempre estiveram comigo;

Meu amigo Moizés que sempre esteve ao meu lado desde a chegada no curso até agora, meu migles.

A minha amiga Wisla, que é para além de amiga é uma irmã que a vida e o curso me deram, sempre esteve comigo em todos os momentos bons e ruins.

As professoras Denise Xavier, Socorro Silva, Gabriela Carneiro e Fabiano Custódio que acolheu maravilhosamente a mim e meus amigos, Denise quando traz a atividade de “Quem sou eu”, ali voltei ao tempo nos traz várias memórias e através dessa atividade passei a assumir realmente minha identidade quanto mulher negra, de assentamento e comunidade quilombola, Socorro com as místicas de acolhimento e seu jeito mãe de ser acolhedor, tudo isso fez com que eu não passasse pelo curso mis sim que o curso passasse por dentro do meu ser e adquirisse tudo que ele tinha a repassar.

A Dorival que é o painho que a vida me presenteou no decorrer dessa caminhada;

A AAJC e todos aqueles que formam essa associação tão maravilhosa.

A Associação Mulheres Negras do Campo, que me proporcionou e proporciona várias experiências, inclusive a de falar sobre o trabalho exercido por elas;

Alexandre que esteve presente comigo para além de companheiro, também é um grande amigo, que está nos momentos bons e nos ruins, também foi quem não me permitiu desistir dos meus objetivos, que no meu momento mais difícil da vida que foi a perca do meu primo para a violência e quando pensei em desistir do curso ele não permitiu que isso acontecesse.

Meu primo Ednaldo que pra mim era e sempre será o irmão que minha tia me presenteou, e que infelizmente hoje não está presente para ver essa minha nova conquista, infelizmente o tiraram de mim tão cedo mais para sempre ele estará presente no meu coração;

A todos os amigos e parentes que estiveram comigo todos esses momentos, que não dá pra citar um por um mais sempre estarão nos pensamentos e no coração, sempre serei grata a cada um.

RESUMO

O trabalho de pesquisa desenvolvido visou redescobrir as particularidades da história e lutas do assentamento e comunidade Quilombola de Gurugi II, assim criando-se novas possibilidades para descobrir e reinventar, democraticamente, relações solidárias e responsáveis no processo de reorganização sociocultural do campo. Olhando para o nosso tempo, e para a situação das comunidades e assentamentos, no que diz respeito ao social, o caráter com que se trata o ser humano em tempos atuais no País, enquanto história e direito a organização, os povos originários ainda são muito desconsiderados. Sobretudo, especialmente pela falta de atenção por parte dos Estados territoriais. Assim, a pesquisa se apresenta como geradora de material bibliográfico acerca do tema, principalmente para a área de educação e das ciências sociais. E assim evidenciar o trabalho, o projeto e o empoderamento das mulheres da Associação das Mulheres Negras do Campo, que além de mulheres negras, empreendedoras, mães de família, guerreiras, elas são resistência e inspiração para outras mulheres seja elas de qualquer etnia ou meio social. Desse modo despertam nas envolvidas a sabedoria e fazem com que tragam nas memórias as histórias de nossos ancestrais, desse modo a pesquisa nos mostra todo o histórico do assentamento e da comunidade onde os participantes residem, assim como o histórico e memórias das mulheres da associação. Para a geração desses materiais utilizamos como metodologia a produção de cartas, entrevistas feitas na casa de algumas mulheres da comunidade.

Palavras chaves: Protagonismo feminino. Comunidade Quilombola. Cultura.

ABSTRACT

The research aimed to rediscover the particularities of the history and struggles of the settlement and Quilombola community of Gurugi II, thus creating new possibilities for democratically discovering and reinventing relationships of solidarity and responsibility in the process of socio-cultural reorganization of the countryside. Looking at our time, and the situation of the communities and settlements, with regard to the social, the character with which human beings are treated in current times in the country, as history and the right to organize, the original peoples are still very much disregarded. Above all, due to the lack of attention paid to them by the territorial states. Thus, the research is presented as generating bibliographic material on the subject, mainly for the field of education and the social sciences. And in this way, the work, the project and the empowerment of the women of the Association of Black Women of the Countryside are highlighted. As well as being black women, entrepreneurs, mothers of families, warriors, they are resistance and inspiration for other women of any ethnicity or social background. In this way, they awaken the wisdom in those involved and make them carry the stories of our ancestors in their memories, so the research shows us the entire history of the settlement and the community where the participants live, as well as the history and memories of the women in the association. In order to generate these materials, we used the methodology of producing letters and interviews at the homes of some of the women in the community.

Keywords: Female protagonism. Quilombola community. Culture.

LISTA DE SIGLAS

AAJC – Associação Articulação da Juventude Camponesa

AMIP – Assistência Médica Infantil da Paraíba

COASP - Cooperativa da Agricultura e Serviços Técnicos do Litoral Sul Paraibano

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CUT – Central Única dos Trabalhadores

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MIRAD - Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

SAMOPS - Sociedade de Assessoria aos Movimentos Populares

STRs – Sindicato dos Trabalhadores Rurais

UBS – Unidade Básica de Saúde

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Logo marca do grupo Figura.....	42
Foto 2 - Produção de pães e salgados.....	42
Foto 3 - Almoço feito pela associaçã.....	42
Foto 4 - Pessoas do grupo e do projeto baobá.....	42
Foto 5 - Pessoal de Brasília e com parceria com a CUT.....	43
Foto 6 - Intercambio em Areia.....	43
Foto 7 - Oficina com as mulheres (Barar Camaratuba).....	43
Foto 8 - Evento em João Pessoa – PB.....	43
Foto 9 - Pastel de batata doce beterraba.....	43
Foto 10 - Pastel de batata doce cenoura.....	44
Foto 11 - Torta 100% macaxeira.....	44
Foto 12 - Bolos para a merenda escolar do município.....	44
Foto 13 - Sede da Associação (antes).....	45
Foto 14 - Sede da Associação (depois): recepção dos turistas.....	45

SUMÁRIO

1	METODOLOGIA.....	10
2	INTRODUÇÃO.....	11
3	PRIMEIRA CARTA.....	13
4	HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO GURUGI II.....	17
5	O PROCESSO DE LUTA DA ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS DO CAMPO.....	26
5.1	O FORTALECIMENTO DO GRUPOS MULHERES NEGRAS DO CAMPO	26
5.2	PROTAGONISMO IDENTITÁRIO DAS MULHERES NEGRAS DO CAMPO DO ASSENTAMENTO E COMUNIDADE QUILOMBOLA.....	28
6	SEGUNDA CARTA.....	31
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	41
	APÊNDICE.....	42

1 METODOLOGIA

O presente estudo apresenta uma pesquisa de caráter a ser realizada de natureza qualitativa. Gil (2002) caracteriza como pesquisa qualitativa, aquela pesquisa que busca compreender e relacionar categorias e variáveis para além dos dados quantitativos e indutivos. Portanto, a pesquisa qualitativa pressupõe análises para além dos dados estatísticos. Isto é, o pesquisador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, ao invés de coletar dados para comprovar teorias, e modelos preconcebidos.

O universo a ser pesquisado consiste na Associação das Mulheres Negras do Campo, situada no Gurugi II onde também envolveram algumas pessoas da comunidade. Para além da pesquisa qualitativa, também será utilizada a etnografia, história oral, entrevistas, narrativas biográficas e imagens.

No decorrer da pesquisa foram utilizados alguns procedimentos para que fosse possível realizar a mesma, a exemplo das entrevistas feita na casa de algumas mulheres da comunidade, a história oral que as mesmas relataram, foram utilizado questionário com as mulheres da Associação Mulheres Negras do Campo, diante todo esse contexto optei por trazer meu conteúdo de pesquisa em forma de cartas pois cartas é um gênero textual que traça várias linhas entre as histórias. Para Oliveira (2022, p. 55) “as cartas, não são apenas textos escritos, são também linhas que se movem em diversas direções e mobilizam o modo de pensar e de viver do viajante”. Mais que documentos, essas cartas capturam impressões e sentimentos imediatos, criando uma ponte entre o pesquisador e as realidades que observa. Elas representam um espaço onde se desdobram reflexões, dúvidas e aprendizados, que, ao serem relatados, revelam a complexidade do encontro entre o observador e a cultura estudada.

2 INTRODUÇÃO

O seguinte texto monográfico tem o intuito de evidenciar as narrativas e o protagonismo das mulheres negras do assentamento e comunidade quilombola do Gurugi II, assim evidenciando suas lutas, conquistas, processo de resistência.

O que será trabalhado nos capítulos abordados vai ao encontro de um breve histórico, de toda uma história e realidade narrada a partir de quem vivenciou. No 1º capítulo será abordado um breve histórico do Assentamento de Gurugi II e todo seu processo de luta pela terra, no entanto o 2º capítulo abordaremos e contaremos a história e todo o processo de luta da Associação das Mulheres Negras do Campo, assim como a evidenciação de suas narrativas e protagonismo quanto mulheres negras de assentamento e comunidade quilombola.

Para a obtenção desses dados utilizei da pesquisa de caráter exploratória e descritiva com uma abordagem qualitativa. Segundo Gil (2002) define a pesquisa exploratória como a que tem por finalidade proporcionar maiores informações sobre determinado assunto; facilitar a delimitação de uma temática de estudo; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa, ou ainda, descobrir um novo enfoque para o estudo que se pretende realizar, ou seja, aprimoramento de ideias, descobertas e/ou intuições.

O presente texto monográfico que iniciamos é o resultado das aproximações e reflexões que têm marcado nossa trajetória enquanto protagonista. Esse trabalho também é produto do tempo histórico ao qual estou inserida, cujas contradições têm abarcado de forma expressiva todos os sujeitos. Neste Sentido, o texto está atravessado da realidade do tempo presente com toda a sua complexidade, de tal modo que, as lutas, resistências, as conquistas e ideias serão percebidos nesse trabalho que iniciamos. Desse modo, o tema: Narrativas do protagonismo e empoderamento feminino na comunidade quilombola de Gurugi II Conde-PB, no contexto histórico do protagonismo, resistências e organizações sociais do nosso país, a partir de um recorte temático em nosso Município e especialmente na comunidade de Gurugi II, nos espaços de luta que nos deparamos com um conjunto de desafios, das aproximações e reflexões que tem marcado nossa trajetória enquanto pesquisadora, dessa temática.

Para analisar o processo de protagonismo feminino na Comunidade Quilombola Gurugi II no Município de Conde - PB, elegemos três categorias chaves que nortearam a reflexão, são elas: resistência, empoderamento feminino, narrativas e conhecimento quilombola e Mulheres Quilombolas. Portanto, essas palavras, que são também categorias, têm centralidade nessa pesquisa, uma vez que também compõem a essência das lutas sociais.

Para tanto, temos como objetivo geral: Evidenciar o protagonismo e o empoderamento feminino dentro da comunidade quilombola. Como objetivos específicos:

- Analisar o processo de luta das mulheres da Associação das Mulheres Negras do Campo;
- Compreender o conhecimento sobre raízes e alimentação no território quilombola;
- Mapear e refletir sobre as formações políticas e alimentar no contexto das mulheres quilombolas da Associação das Mulheres Negras do Campo.

3 PRIMEIRA CARTA

Para meu tio Ancelmo Rodrigues da Silva, nascido em João Pessoa-PB, no dia 23 de julho de 1979, numa segunda feira, ele é filho dos camponeses Geovania Rodrigues dos Santos e José Rodrigues da Silva. Naturais da cidade do Conde, de nacionalidade brasileira. Atualmente Ancelmo é um pedagogo e mestre em educação, assim como minha avó, ele também sempre me incentivou e foi uma das minhas inspirações para que continuasse com minha jornada e conseguisse chegar até onde estou hoje tanto que foi ele quem apresentou-me o curso de licenciatura em educação do campo. Então logo a seguir irei apresentar-me.

Como diz a música “Amarelo, azul e branco” de Anavitória e Rita Lee, “Deixe eu me apresentar”, então, meu nome é Pollyanna da Silva Nascimento, uma mulher negra, agricultora e filha de agricultores, nasci em João Pessoa – PB, no dia 26 de julho de 1999, numa segunda feira. Filha dos camponeses Cheila Rodrigues da Silva e Francisco Nascimento, natural da cidade de Conde – PB, de nacionalidade Brasileira. Atualmente moro no assentamento Gurugi II, que é remanescente de terras Quilombolas e está localizado na zona rural do município do Conde, na zona da mata sul da Paraíba e que fica a cerca de 30 km da capital do estado, João Pessoa – PB.

Falar sobre minha vida e quem sou é uma inundação de que molha os campos e perpassa pela fertilidade infantojuvenil. Para mim o mais importante foi navegar nessa imensidão da vida, a minha infância foi uma caminhada que trilhou largas vias da vida em meio a brincadeiras, amizades e responsabilidades. Apesar de sermos humilde, mas é uma humildade honesta e digna dentro dos princípios educativos da minha mãe e minha avó, o que quero dizer é que não fui uma criança crida com luxos, ou seja, brinquedos caros, como por exemplo: não tive bonecas caras, bicicleta, jogos eletrônicos, entre outros. O máximo que tinha era bonecas de pano ou de plástico quando ganhava nas festas de crianças, mas isso não atingiu em nada a dignidade e a honradez características do campesinato.

Um bom exemplo dessa postura era os carros escavados no chão que eram feitos por meus tios, a brincadeira de pique esconde no qual juntava minhas irmãs e primos para participar da brincadeira, nos juntávamos e também brincávamos acampamento, mesmo sem a presença de brinquedos industrializados eu, meus primos e irmãs não deixávamos de brincar pois, nessa ausência nós fazíamos nossos próprios brinquedos e brincadeiras sempre estávamos utilizando a criatividade nossos brinquedos eram feitos de cangaço de palha de coqueiro, com roupas velhas, o próprio solo era utilizado, as quengas dos cocos também eram fitas de brinquedos, eu minhas irmãs e primos nos divertíamos com a graça, valor e sentimentos que habitavam o nosso

imaginário infantil. Assim tive uma infância rica e feliz em criatividade, harmonia e na conquista familiar.

Ao passar da fase de criança tive um amadurecimento muito rápido, pois ao começar a entender melhor a realidade na qual era inserida compreendi que já tinha passado a minha fase de brincadeiras e que no momento seria de virar uma mini adulta com responsabilidades mas serias e tarefas a serem cumpridas pois em uma casa onde só tinha mulheres sem a presença masculina então nós mesmas tínhamos que fazer todas as tarefas fossem elas das mais leves as mais pesadas as quais socialmente são consideradas tarefas a serem realizadas por homens, com isso começa minha mini fase adulta, comecei a ajudar minha mãe e minha avó que além de serem essas figuras maternas também foram pra mim e minhas irmãs a figura paterna a qual não tivemos.

As minhas guerreiras são agricultoras, além de ir para a escola, passei a ir ajudá-las, no roçado e na coletagem de uma fruta nativa do litoral chamada de mangaba, cheguei a ir trabalhar coletando acerola em uma localidade um pouco distante de onde moro, esses eram nossos meios de renda. Lembro-me também que mesmo com a pouca idade que tinha comecei a me interessar em ir as reuniões da associação dos moradores, daí tanto ia nas reuniões que acontecia no assentamento quanto nas que ocorriam nos assentamentos próximos, quando as reuniões ocorriam fora do assentamento Gurugi II tínhamos que nos deslocarmos de alternativas ou quando ia muitas pessoas íamos na parte de cima do caminhão da associação.

Meu percurso escolar sempre foi em escolas públicas, ingressei na escola aos 5 anos de idade, o ensino fundamental I cursei em uma escola da comunidade a qual atende pelo nome de Escola Municipal de Ensino Fundamental José Albino Pimentel. Lembro-me até hoje das minhas professoras que me acompanharam nessa fase da vida em especial uma que se chamava Vilma, como sempre fui a mais ativa das minhas irmãs, participava de tudo e me consideravam com um nível de inteligência bem acima do normal tanto que minha professora Vilma da época do 5º ano quis me adiantar logo para o 6º ano, mas devido a gestão da escola isso não foi possível, então segui normalmente o percurso. Atualmente a professora mencionada anteriormente não está mais entre nós, pois foi acometida por um câncer e infelizmente se foi.

O ensino fundamental II também cursei em uma escola dentro da comunidade a qual atende pelo nome de Escola Municipal Ensino Fundamental Professora Lina Rodrigues do Nascimento, nessa escola as series são do 6º ano ao 9º ano, lá fiz meu percurso escolar de 2011 a 2014. Já o ensino médio tive que ir cursar em uma escola que fica na sede do município a qual tem o nome de Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor João da Cunha Vinagre, que atualmente só atende o ensino médio. Lá estudei de 2015 a 2017 quando finalizei,

mas um ciclo na educação e em 2015 completando meus 16 anos de idade comecei a fazer parte de um grupo composto só por mulheres negras e quilombola, e aos 19 anos em 2019 comecei meu ciclo dentro da UFCG campus CDSA no município de Sumé – PB.

Dentro desse meu novo ciclo houve muitas dificuldades como sempre mas nada que não pudesse ser vencido, logo no início da graduação uma das grandes dificuldades foi sair de perto da família, uma outra que difícil para o mundo quanto pra mim foi o período pandêmico que ao retornar pra casa tinha que me desdobra para estudar, trabalhar, resolver problemas pessoais, e ainda ter que se manter forte e superar o desejo desistir de tudo e entre outros o lado positivo desse período foi o tempo maior perto da família.

Mas isso tudo mudou em 09 de agosto de 2021 quando tiraram de mim e da minha família um dos meus amores meu primo que brutalmente foi assassinado, nesse momento todos os pensamentos de desistência que já tinham se ido em meio as dificuldades anteriores retornam com uma força maior, então em meio a toda essa situação pessoas maravilhosas foram guiadas até mim e fizeram com que me permanecesse de pé e continuasse em busca de todos os meus objetivos e sonhos, mas esse acontecimento é algo que nunca vai ser superado. Tive a experiência de ser presidenta da associação dos moradores do Assentamento Gurugi II, em um mandato de dois anos.

Atualmente ainda faço parte do grupo de mulheres que não é mais um grupo agora se tornou uma associação a Associação das Mulheres Negras do Campo, assim como da AAJC que uma outra associação que visa o trabalho com a juventude. Essa sou eu uma menina mulher criada pela mãe solo e pela avó duas agricultoras uma analfabeta e a outra semianalfabeta, mas que conseguiram me criar e dar grandes exemplos de mulheres que são, que aos trancos e barrancos me ensinaram tudo aquilo que não se aprende em uma escola e sim no sei familiar.

Meu ingresso no curso de Licenciatura em Educação do Campo se deu por incentivo do meu tio Ancelmo que é um pedagogo e mestre em Educação. Não escolhi o curso, ele só me apresentou o mesmo e realizou a minha inscrição para o processo seletivo, mas a partir do momento que comecei as aulas senti que foi o destino que escolheu o curso para mim através do meu tio, no entanto me identifiquei com a área por ser do campo e porque ele além de trazer um olhar diferente para o campo faz com que o indivíduo retome ou encontre sua real identidade enquanto ser, além de querer algo melhor para minha família e ter como inspiração as duas pessoas que me ensinaram tudo que sei e que me deram a educação necessária para ser o que sou hoje.

Desde que me entendo por gente ouvia as pessoas do assentamento contar sobre a história de luta e do sofrimento que foi a luta pela terra. Desde criança me interessava pelos

assuntos do assentamento tanto que acompanhava as reuniões que ocorria para socializar assuntos incomum e tomar decisões e desde então vim nesse acompanhamento e participação, e com isso ajudava no que podia e sabia, a seguir apresentarei um pouco da história do Assentamento Gurugi II:

4 HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO GURUGI II

Segundo Silva (2011), a propriedade de Gurugi II, pertencia ao senhor conhecido como Paizinho JRS e sua esposa, Dona Inhanhá, os antigos proprietários. Após o falecimento de Dona Inhanhá, Paizinho decidiu reunir todos os posseiros que ocupavam a propriedade para negociar a venda das terras, propondo o valor de mil contos de réis, uma quantia significativa para a época. Esse episódio reflete não apenas uma transação, mas também a complexidade das relações de poder, posse e permanência dos trabalhadores na terra, evidenciando o histórico de desigualdade e as condições que circundavam os processos de negociação e a luta por permanência dos pequenos agricultores e moradores na região.

Tal sugestão teve por alegação que pelos trabalhadores/as serem moradores antigos da fazenda teriam direitos ou prioridades na aquisição das terras. Essa conversa se alastrou entre os posseiros, causando-lhes insatisfação e constrangimentos por não terem o valor solicitado para permanecer na terra como proprietários. Sem condições de comprar, a propriedade foi vendida à família Pimentel, como afirmam os assentados. Em 1981, começou a luta dos posseiros para ficar na terra. Uma das ferramentas essenciais para a conquista da terra foi a força da resistência dos camponeses.

Parte da história de Gurugi II pode ser compreendida na importante obra da professora Emília Moreira (1997), onde a mesma descreve esta história. Segundo Moreira (1997, p. 94-95):

a propriedade de Gurugi II constitui uma área desmembrada de um imóvel denominado Gurugi, situado na praia de Jacumã, município de Conde. este imóvel foi adquirido por Nilson Albino Pimentel e Nelson Albino Pimentel, através de compra feita à Companhia Industrial Fiação e Tecidos Goiana, conforme escritura de 18 de julho de 1949.

A propriedade conhecida como Gurugi foi dividida de forma amigável 30/03/1978, com a parte correspondente a Gurugi II, abrangendo 1.279 hectares, destinada a Nelson Pimentel. Há mais de cinco décadas, cerca de 60 famílias habitam essa área, onde cultivam alimentos de subsistência e frutas, essencialmente para seu próprio sustento. Toda a produção originada no imóvel é realizada e usufruída exclusivamente pelos moradores, que têm a terra como meio de vida e ocupação. Em nenhum momento, conforme os documentos analisados, os proprietários mostraram interesse em investir ou tornar a propriedade produtiva, deixando essa responsabilidade e seu aproveitamento nas mãos dos habitantes locais (Moreira, 1997).

Em 1981, o proprietário de Gurugi II, segundo depoimento prestado pelos agricultores, ameaçou vender as terras para uma empresa agropecuária e iniciou um processo de expulsão dos trabalhadores. Com medo de “serem trocados por gado”, estes começaram a se reunir e discutir os seus direitos. A partir daí teve início um clima de tensão que desembarcou num conflito de terra de grande repercussão. Este se caracterizou de um lado, pela resistência dos antigos moradores ao processo de expulsão e, de outro pela ação dos proprietários na tentativa de concretizá-la.

Os anos foram passando e a relação entre os moradores e o proprietário foi cada vez mais se deteriorando ações de despejo pressões de toda natureza passaram a se suceder. Em novembro de 1985, seis moradores receberam ordem de despejo. A ação movida pelo proprietário baseava-se na alegação de que estes Trabalhadores não eram moradores da Fazenda e nem mesmo agricultores. Em 30 de novembro, seis camponeses de Gurugi II foram a justiça depor, acusados de estarem colhendo o coco na propriedade sem autorização do proprietário.

Para os trabalhadores rurais daquela época essa luta foi muito árdua, pois já estavam nessa terra a muitos anos e não tinha o direito de cultivar suas lavoura ou até mesmo desfrutar de fruteiras existentes no local, sem que os latifundiários intervissem e fizessem questão por terras que não lhes pertenciam, e por isso instaurou-se a disputa pelas terras entre trabalhadores e latifundiários e como sempre os que se consideram superiores utilizam de todas as suas artimanhas para conseguirem o que desejam, em meio a tantas disputas perdemos pessoas queridas, trabalhadoras e guerreiras, mas não podem vencer a resistência, a união e as relações sociais que a classe trabalhadora possui.

Para Silva (2011), é fundamental destacar que a comunhão e a participação dos envolvidos na criação do assentamento deram origem a uma configuração particular nas relações sociais locais. Essas relações foram construídas com base na compreensão de que a superação das carências e necessidades enfrentadas pelos camponeses só seria possível por meio do reconhecimento coletivo dessas dificuldades. Assim, o entendimento compartilhado entre os produtores foi essencial para fortalecer a cooperação e construir uma comunidade mais unida e solidária, capaz de enfrentar os desafios de forma conjunta.

Ou seja, inicia-se um processo de mobilização capaz de estimular o conjunto dos camponeses a somarem esforços as afins para que continuassem na terra na qual trabalhavam, superando a prática do comodismo e da individualidade. Este processo se constitui no mérito da luta dos assentados (as). Mas, contudo, de forças externas, ainda resquício da cultura da individualidade ou do resultado pessoal imediato, também geram conflitos internos. A harmonia desejada na luta, igualmente, se constituiu, a partir dos conflitos e interesses externos e internos

ao coletivo, em mais um dos desafios a serem enfrentados no processo de fortalecimento da luta pela conquista do assentamento. A partir dessas manifestações é que foram sendo forjadas as soluções para a organização do movimento pelo acesso à terra, saúde, educação e a qualidade de vida almejada.

Isso mostra o que pode se conseguir quando utilizamos da união para ir em busca do que desejamos e queremos lutar, também nos mostra que com a individualidade não chegamos a lugar algum pois as vezes tentamos lutar só, mas nunca estaremos sós, se soubermos reconhecer o valor de uma união, do companheirismo dos demais integrantes da luta. Por isso, irei apresentar um testemunho de luta quilombola, a partir das vozes das mulheres da comunidade:

Testemunho 1 - Mulher Negra Quilombola

Você poderia descrever um pouco de sua de sua vida, como mulher negra e quilombola? “O que eu tenho para dizer da minha da minha vida. É que eu fiquei sem pai com quatro anos e foi mais para frente aí cheguei a ser mãe de sete filhos. Tenho sete filhos e criei cinco netos, mas graças a Deus vivo feliz com meus filhos e os meus netos. Fui mãe com 14 anos, eu tenho uma filha minha mais velha, eu fui mãe dela com 14 anos, eu nem resisto eu não tinha na época o meu registro quando eu tava na maternidade foi que minha mãe e minha irmã tiraram meu registro. Naquela época como era a fase de estudos vocês tinha acesso, não tinha acesso? sobre a estudo o acesso era muito pouco nós estudava de noite porquê de dia tinha que ajuda a nossa família a trabalhar no roçado para se manter para a gente se manter então a gente só tinha direito de estudar de noite e era muito lento muito atrasado. Tem que naquela época tinha que estudar a carta do ABC a cartilha para poder ir pra primeira série, só estudei até a primeira série. Aí cheguei a estudar. 4ª série depois de o meu filho mais novo se formou e chegou a ser professor, e estudei até a 4ª série.” Tinha escola naquele tempo? “É, tinha escola, mas nem todo mundo tinha calçado, nós não tínhamos condições de roupa para ir para escola, como eu tô dizendo, a gente estudava mais a maior parte das pessoas estudava mais de noite. Só as crianças mesmo era que estudava de dia, mas era muito lento. Fico triste! Ah muito atrasado mesmo.” Poderia falar um pouco da luta da terra de Gurugi? “Quando começou a luta como aqui essa terra aqui de Gurugi I era do Estado aí do estado tem o senhor chamado Francisco das Neves que morava nos Prazeres aí arrendou a terra Governador ele arrendou por três vidas, pai, filho e neto. Só que quando esse senhor morreu as duas filhas dele venderam a um senhor do Recife chamado João, aí foi quando começou a luta e teve alguém que ajudou a gente no caso eu posso dizer

agora naquele tempo a gente não dizia não, mas os padres que celebravam aqui no caso era Frei Anastácio, Frei Domingos, Frei Armani, eles sofreram muito com isso que o proprietário não achava bom ajuda. Porque ele que enviava a gente para jornal, rádio, para denunciar as coisa mal que eles faziam, né? Que o destino deles aqui que comprou o senhor que comprou a terra. O caso dele era cercar, toda a terra solta gado dentro, aí foi quando eles começaram a orientar a gente pra gente se mexer porque senão a gente ia sair tudo daqui porque a gente não tinha de quer viver, nós não tinha trabalho não tinha emprego. O emprego da gente e era agricultura e se ele soltasse o gado ia comer as lavoura e a gente não ia poder se alimentar, aí começou a luta. Foi cinco anos de luta, chegou acampar dentro do mato com 18 dias, quando a gente saiu do acampamento quando foi que a gente foi pro INCRA, no caso na época não era INCRA, era Mirad a gente foi pro INCRA no Pernambuco aí quando a gente voltou foi que veio os procedimentos de alguém que ajudou e ela chegou até a ser desapropriada. Como se dá a organização das mulheres na questão política aqui dentro da comunidade? Eu não sei muito. As mulheres aqui se candidatam tem interesse se envolvem? Tem, cheguei a ser candidata a vereadora na época a gente não tinha muitas experiências, fazia reunião e Lenita foi candidata como prefeita e com 13 candidatos a vereado. Isso foi em que ano? Aí eu lembro, Dadai pode se lembrar, aí foi Vadelito foram vários aqui Marcelino foi Dorival, Dorival deve se lembrar. Fomos presos, a gente fazia reunião e discutia como era que a gente ia fazer tudim. Mas só foi eleita uma pessoa foi Ana, mas na hora dos procedimentos lá eles forjaram tiraram ela de tempo. E na cultura alimentar que era praticada na época o que era consumido? Era caranguejo, camarão, a gente ia pra feira vender mangaba, agora ia daqui do Gurugi para o Mercado Central vender mangaba levava na cabeça ia a pé, eu com 9 anos já ia com balaio de mangaba para o Mercado Central, lá a gente vendia comprava o comezinho e voltava de pé de novo. Saia daqui 12 horas do dia chegava lá de 8 horas da noite, no meu tempo que já pegava uma Marinete e enganando que não era ônibus, que era marinete. E no tempo da minha mãe da minha da minha tia, ia de pé mesmo direto para o Mercado Central vender para João Pessoa é na baixa de Oitizeiro que é outra feira que era dia de domingo a feira de Oitizeiro na baixa de oitizeiro, e a gente vivia disso quando chegava ia mangue arrancar caranguejo, ia pros rios pescar camarão, pegar amore e outras comidas que eu não quero nem citar o nome né? porque é meio complicado porque ninguém não vai entender porque camarão mais ou menos as pessoas já sabem mas a gente vivia disso deixava os filhos com outras pessoas, com filho mais velho e ia pescar. E a questão da das plantações né? O que vocês mais plantavam? Antes era só macaxeira mesmo, mandioca para fazer farinha tinha casa de farinha, a gente fazia farinha num era de motor, a

gente tinha que fazer tudo a braço, mexer farinha, moer a mandioca tudo era desse jeito”. (Iris de Fatima Nascimento, Baia).

Segundo a entrevistada a forma com que viviam e de luta dentro das terras eram dessa forma e bastante árdua pois em relação a ajuda eles só tinha ajuda dos freis e padres da época que atuavam em prol dos menos desfavorecidos no caso a classe camponesa, assim como até hoje ainda existe resquícios dessas violências e falta de atenção para as pessoas que vivem no campo.

Segundo Moreira (1997), o imóvel Gurugi II foi desapropriado em 2 de maio de 1988 pelo decreto Nº 96.001/88. Contudo, o proprietário não aceitou o valor oferecido por hectare pelo MIRAD, criando um impasse que impediu a emissão da posse e aumentou a tensão entre dois grupos de agricultores residentes na área. Um dos grupos, composto pelos antigos posseiros, acusava membros da igreja e da CUT de apoiar o movimento pela terra, incentivando-os a resistir contra o direito das famílias trazidas cerca de três anos antes pelo ex-capataz José Francisco Alves Filho (Zequinha) e pelo presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de João Pessoa e Conde, Sr. Severino Alves Barbosa. Esse segundo grupo, apoiado pelo prefeito do Conde, chegou à área sem ter participado das lutas anteriores, mas buscava garantir seu espaço, o que gerou constantes atritos com os moradores históricos da propriedade.

De outro lado, estavam os antigos moradores, os que lutaram pela terra e sofreram toda sorte de perseguições e suas assessorias que consideravam outros oportunistas sem terem tido nenhuma participação no movimento de luta pela terra dela queriam um pedaço.

No dia 25 de agosto de 1988, cerca de 40 agricultores do grupo dos antigos moradores foram à delegacia do Mirad acompanhados de assessores jurídicos do Serviço de Apoio aos Movimentos Populares (SAMOPS). O posseiro Maurício Bernardo negou as acusações feitas através da Imprensa pelos rendeiros do proprietário no dia anterior contra a Igreja, a CUT e o SAMOPS. Ele ainda colocou que o mais lamentável para ele é que o técnico do Mirad que se encontrava na área não só não estava ouvindo os moradores da terra como iniciara o cadastramento das famílias pelos “novos rendeiros”. Para ele, o presidente do STRs de João Pessoa e do Conde era um “*pelego*”, defensor dos interesses do proprietário em detrimento dos trabalhadores.

Na manhã do dia 29 de dezembro a Sede da Associação dos Trabalhadores Rurais de Gurugi II foi incendiada por um indivíduo conhecido como “Nino da Penha”. Além de incendiar o Pavilhão onde funcionava a Associação, o citado indivíduo ainda roubou cerca de duas mil mangas da área de produção comunitária de Gurugi II, transportando-as do local em sua

caminhoneta. No mesmo dia, já no final da tarde parentes do Nino, inclusive sua esposa provocaram uma discussão com os moradores.

Esses episódios acabaram em tragédia. No mesmo dia 29 de dezembro de 1988, um dos antigos moradores Sr. José Avelino, de 38 anos, mais conhecido por Zé de Lela, foi assassinado barbaramente com um tiro de espingarda 12, dentro da sua própria casa, às 21 horas. O autor material do crime foi Floriano dos Santos Correia, o “Nino da Penha”, a mando de José Francisco Alves Filho o “Zequinha”. A polícia foi acionada, passou a investigar o caso e abriu um inquérito. Nino da Penha, confessou a destruição do Pavilhão e entrou em contradição no depoimento prestado. O Zequinha não compareceu para depor. A polícia concluiu o inquérito apontando Zequinha como mandante e Nino da Penha, como autor do crime contra Zé de Lela.

Todo o processo de luta pela terra em Gurugi II culminou na perda trágica do primeiro agricultor envolvido na luta, um marco doloroso para a comunidade. Conforme Moreira (1997), além de expressarem profunda indignação em relação aos responsáveis pelo crime, os antigos moradores demonstravam uma forte descrença na ação da polícia e da Justiça. Esse descrédito refletia a sensação de abandono e de vulnerabilidade, intensificando o sentimento de que estavam desprotegidos e marginalizados pelas instituições que deveriam garantir seus direitos e sua segurança.

Antes que o processo contra os assassinos fosse concluído, os dois foragiram. Isso, porém, não contribuiu em nada para diminuir o clima de tensão na área. Frei Anastácio, coordenador da CPT/PB a época, foi ameaçado de morte por Severino Mariano, tio de Zequinha.

Em março de 1989, nova tragédia se abate sobre Gurugi II. No dia 30, cerca de 70 agricultores de várias comunidades, além de Gurugi, foram ao fórum de Alhandra com o objetivo de prestarem queixa ao juiz da comarca Antônio Leobaldo Monteiro, de que o Zequinha, mesmo com prisão preventiva decretada, era visto constantemente no sítio Gurugi ameaçando os agricultores. Para comunicar também que quando levaram o fato ao conhecimento do sargento responsável pelo destacamento que lhes dava segurança este recusou-se a efetuar a prisão do assassino, dizendo não ter conhecimento do pedido de prisão preventiva, eles queriam cobrar ainda do juiz a prisão imediata dos assassinos. Ao chegarem em Alhandra, os agricultores desceram do caminhão e se aglomeraram em frente ao Fórum, aguardando a chegada do advogado Eduardo Loureiro para terem acesso ao gabinete do juiz.

Pouco tempo após a chegada do advogado, uma camioneta D-10 dirigida pelo tio do Zequinha, o Severino Mariano, foi lançada em toda a velocidade sobre os agricultores atropelando-os. Em seguida o “Biu Mariano” desceu da camioneta e passou a tirar a queima-

roupa nas pessoas atropeladas. Ainda voltou ao carro e tornou a passar com ele sobre as pessoas caídas.

Nesse episódio, 22 pessoas ficaram feridas, (inclusive duas crianças, uma de 5 meses) e uma foi morta. Tratava-se de uma posseira da Comunidade de Barra de Gramame, Sr. Severina Rodrigues de França, mais conhecida por Bila de 55 anos, mãe de 12 filhos que não só foi atropelada por duas vezes como recebeu dois tiros no pescoço. As vítimas da chacina foram transportadas para o Hospital Municipal de Pronto Socorro, para o Pronto Socorro de Fraturas e os Hospitais São Vicente de Paula e o AMIP (Hospital Infantil), todos em João Pessoa.

Dentre os feridos pode-se citar: Cláudia Cristina da Silva, Rosilda de Fátima Soares, Ivanilda Rodrigues do Nascimento, Rosete Rodrigues dos Santos, Edneide e Edlúcia Rodrigues dos Santos, Marize Rodrigues dos Santos, Francisco José Martins, Moacir nascimento da Cruz, Irene Rodrigues dos Santos, Marta da Conceição dos Santos, Maria de Lourdes Rodrigues, Luciene Rodrigues do Nascimento na época com (5 meses) e entre outros. De acordo com a imprensa, o juiz Antônio Leobaldo, logo que ouviu os disparos foi até a frente do Fórum, mas ao ver a chacina entrou e só saiu escoltado. Ele disse que sua parte estava cumprida quando decretou a prisão preventiva do culpado. O resto era competência da polícia. Em contrapartida, a comunidade permanece insistentemente na resistência. E isso, pode ser ampliado com o seguinte testemunho:

Testemunho 2 – A luta pela terra

Você poderia falar um pouco da história da luta pela terra de Gurugi II? Sim, a nossa comunidade ela tem uma história muito de muito sofrimento, né de luta de luta de resistência pela conquista da Terra quando os homens queria nos arrancar dessa terra Gurugi II é um nome indígena significa caminho dos rios e eu cresci neste lugar, mas cresci também com muito sofrimento vendo o nosso povo lutando sofrendo onde houve várias mortes para a gente tá aqui hoje na terra vivendo na terra vivendo na terra e até hoje né, a nossa luta constante que a gente ainda não conseguiu o título de posse né? Ainda estamos na mão do INCRA nosso título de posse. Hoje a minha avó tem 90 anos e ainda não viu esse título de posse, mas nós que estamos ainda mais novos estamos ainda lutando, né para conquistar esse título de posse para ver os nossos antepassados que como alguns que já se foram e não conseguiram ver isso porque os homens em sim ainda não deu nosso título de posse que é muito sofrida a nossa comunidade de Gurugi II. E nisso nessa história né? Como muitos já relataram duas mortes e a primeira foi nosso companheiro Zé de Lela que morreu na porta da sua casa, com seus filhos e sua esposa,

né? tomando seu café e os capanga veio e tirou a vida nosso companheiro, depois para a gente reivindicar essa morte na luta fomos clamar por justiça para que o assassino verdadeiramente ele fosse pagar pela aquela morte a gente todos nós fomos para Alhandra, né para o julgamento do assassino chegando lá o seu tio estava em uma caminhoneta cheia de armas e saiu massacrando o nosso povo atirando no nosso povo e nessa história muitos levaram tiro na perna, nos braços, na boca, mulheres correram pulando prédios, muros e quebraram pés, mão. Foi muito doloroso para gente uma das nossas companheiras vizinha do Quilombo Ipiranga ela levou um tiro na perna caindo. Né? não conseguiu correr e o tio do assassino passou por cima da nossa companheira conhecida como Bila e veio a óbito, mais outra morte para comunidade na época nessa época eu tinha 9 anos hoje estou com 45 anos, mas me lembro ao contar relatar ainda machuca ainda dói né? Porque minha mãe muitas noites chorava por esses acontecimentos, pela perda dos nossos companheiros e o medo de permanecer dentro da própria comunidade. Mas como sempre falo para onde minha mãe e os companheiros ia se nós vivíamos da pesca, né das lavouras que nós mesmos plantamos o inhame, a batata e a macaxeira, não tinha para a gente ir. O que restava pra gente era lutar e pedir a Deus que não morresse mais nenhum dos nossos companheiros para permanecer na terra que até hoje nós ainda continuamos na terra, né? Como minha avó nasceu nesse lugar, né Gurugi II esse mês no dia 20 desse mês de junho que nós estamos ela faz 91 anos nascida e a gente escuta os homens falar que a gente não tem direito. A uma terra dessa onde uma pessoa já vai fazer 91 anos morando no mesmo lugar, mas nós mulheres que fazemos parte aqui dessa comunidade continuamos lutando, né? Para a gente conseguir esse direito que nós sabemos que é nosso vamos permanecer insistindo dentro dessa comunidade para conquistar o nosso sonho de ter a posse dessa terra. (Claudineide Rodrigues dos Santos Ferreira, Neide).

O Assentamento Gurugi II, compreende a uma área de aproximadamente 593 hectares, situado na zona sul do litoral paraibano, no município do Conde-PB. No momento de constituição do assentamento, a atividade econômica dominante na região era atividade agrícola. Na atualidade, a ênfase econômica começa a deslocar-se para a atividade turística e, por conseguinte a cultural. Esta realidade por si só exige a reflexão das implicações que estas novas atividades impõem a produção e a vida rural, em especial à realidade das comunidades rurais de Gurugi I e II.

O assentamento fica localizado aproximadamente 08 km da cidade sede do município de Conde, denominada pelo mesmo nome Conde. O acesso ao assentamento pode ser realizado pelas rodovias PB 008, que liga a capital do Estado João Pessoa aos municípios da mata e litoral sul do Estado da Paraíba e pela rodovia PB 018, que liga a cidade sede do município Conde ao

principal distrito e praias de Jacumã e demais praias do litoral sul paraibano. Gurugi II contribui com uma representativa parcela de desenvolvimento agrícola regional, fornecendo alimentos tanto ao município do Conde e seus distritos, bem como para a cidade de João Pessoa. Uma outra importante característica que merece um destaque é a população que habita o assentamento ser composta em sua maioria por trabalhadoras e trabalhadores de origem tradicionalmente ligadas as atividades do campo da produção agrícola e da pecuária.

A luta e a história dessas mulheres dentro do Assentamento sempre foram valorizadas, e foi através dessas histórias que comecei a me interessar em estar presente nesse processo de luta e resistência em busca do que acreditamos ser o melhor pra nós, essas lutas fazem parte mim desde pequena pois desde muito cedo já acompanhava as reuniões e debates na associação.

Todo esse processo me fez refletir se não poderia ir em busca de algo que ajudasse as pessoas do assentamento pois uma grande porcentagem dos moradores mais velhos são analfabetos ou semianalfabetos e os filhos que tiveram a oportunidade de estudar e adquirir um pouco de conhecimento são poucos os que se interessam em ajudar e guiar os que não tiveram essa oportunidade, então por sempre ser uma pessoa bem ativa e pôr as duas pessoas que sempre me ensinaram tudo que sei quanto pessoa fazerem parte desse quantitativo de pessoas com pouco letramento sempre tive o desejo de tentar fazer algo para ajudar as pessoas dentro do assentamento, quando conheci e ingressei no curso de licenciatura em educação do campo logo me identifiquei pois o curso vai de encontro a realidade de cada pessoa assim como nos ensina a levar uma educação que seja de acordo com a realidade de cada indivíduo.

O curso nos oferece uma formação desengessada para que possamos lidar com as, mas diversas situações e realidades as quais possamos encontrar na caminhada quanto educadores, seja na cidade ou do campo, mas em particular do campo pois é onde encontramos situações mais adversas.

5 O PROCESSO DE LUTA DA ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS DO CAMPO

5.1 O FORTALECIMENTO DO GRUPOS MULHERES NEGRAS DO CAMPO

As mulheres camponesas, com suas diversas realidades e origens, desempenham um papel fundamental na agricultura e na preservação das culturas locais no Brasil. Elas enfrentam desafios relacionados à terra, ao trabalho e à igualdade de gênero, lutando por seus direitos e pela valorização de seu trabalho. A união dessas mulheres em torno da causa feminista é essencial para promover mudanças sociais e garantir uma vida digna, além de fortalecer as comunidades rurais e a diversidade cultural do país. Essa luta é um reflexo da resistência e da força que elas representam em suas comunidades, contribuindo para um Brasil mais justo e igualitário.

A organização das mulheres negras do campo da comunidade de Gurugi, e as lutas sociais permitiu a elas o empoderamento no questionar, opinar e contribuir com a construção da sociedade, orientadas pelas suas particularidades no que diz respeito à igualdade de gênero, e desenvolvimento sustentável, dos pequenos negócios no campo, como consta no parágrafo a seguir.

O Grupo "Mulheres Negras do Campo" surgiu na Associação dos Moradores do Gurugi II, em um assentamento inserido em território quilombola no município do Conde (PB), na zona sul do litoral paraibano, distante cerca de 35 km da capital, João Pessoa. O grupo inicial, de 25 mulheres, conseguiu apoio para construção de uma sede e instalação de uma cozinha industrial para produção de pães, bolos e salgados diferenciados, baseados em macaxeira, inhame e batata. Atualmente, 10 mulheres continuam a atividade, vendendo os produtos em feirinhas agroecológicas no município.

No entanto, há grande capacidade ociosa (a cozinha só é utilizada durante um dia por semana) e há necessidade de melhorias na infraestrutura da sede e da cozinha, como o tratamento de água de consumo e produtiva, além da correta destinação de águas cinzas e negras, evitando-se a poluição do meio ambiente. Por outro lado, a Prefeitura Municipal do Conde manifestou interesse em adquirir produtos oriundos da associação, especialmente polpas de frutas para as escolas e creches municipais (PNAE).

O conceito de práticas alimentares envolve mais do que a escolha de alimentos por razões nutricionais, refletindo um conjunto de influências sociais, culturais, econômicas e psicológicas. O hábito alimentar é moldado pelo contexto cultural, pelos estilos de vida, e até

pela exposição a novas informações e tendências, como aquelas difundidas pela mídia. Esse entendimento amplia a visão para além do aspecto biológico, abordando o ato de se alimentar como uma prática social complexa, onde o indivíduo expressa e experimenta identidades, valores e afeições. A perspectiva antropológica e social é fundamental, pois compreende o ser humano como um todo integrado, com motivações e significados que vão além do simples sustento (Souza; Ribeiro, 2023).

A ideia do fortalecimento visa capacitar o grupo em processamento de frutas, tornando-as aptas a trabalharem em uma agroindústria de beneficiamento de frutas, produzindo polpas e outros derivados, aprendendo as boas práticas dos processamentos, desde a seleção e higienização dos frutos, utilização das máquinas e equipamentos, envasamento e armazenamento, irá ainda proporcionar a formação direcionada a estratégias de comercialização no mercado privado e público. Além de habilitar os participantes para o uso e reaplicação de tecnologias sociais aplicadas a otimizações dos processos produtivos, nesse caso gerando os conhecimentos e capacidades necessárias para ampliar a produção em suas unidades produtivas familiares além de permitir a atuação como profissional habilitado na construção e uso desse tipo de tecnologia.

Segundo Berth (2019), "dar poder" significa articular o desenvolvimento de indivíduos e grupos através de etapas de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento. Esse processo envolve a percepção das próprias habilidades, a compreensão de sua história e, sobretudo, a consciência de seu papel social e político, promovendo um estado psicológico mais atento ao contexto ao redor. Inclui também a aceitação de características culturais e estéticas herdadas, de modo a munir as pessoas com informações e novas percepções sobre si mesmas e o mundo. Assim, fortalecidas e dotadas de novas perspectivas, podem encontrar em si próprias ferramentas para atuar no meio em que vivem, beneficiando também a coletividade.

Portanto, o protagonismo das mulheres camponesas, influenciado pela ala progressista das organizações sociais, é um tema rico e significativo. Essa influência pode ser observada em várias dimensões, como na promoção da justiça social, na luta por direitos agrários e na organização comunitária. As mulheres, muitas vezes à frente de movimentos sociais, têm utilizado espaços de reflexão e ação proporcionados por grupos de empreendedorismo para reivindicar seus direitos, além de participar ativamente na construção de uma sociedade mais igualitária.

Nesse entendimento, as mulheres negras do campo constroem sua trajetória histórica ao decidirem transformar o curso da história. Suas experiências de luta representam momentos

significativos de mudança de postura e fortalecimento coletivo. É por meio do conflito, da resistência e da união que elas podem alcançar a liberdade. Somente na comunidade com os outros é que cada indivíduo encontra os mecanismos para desenvolver plenamente suas capacidades, é na coletividade, portanto, que a liberdade pessoal se torna possível (Marx, 2004).

As conquistas alcançadas em cada década trouxeram novas reflexões e desafios, levando a um empoderamento que se manifesta em diversas esferas, como a política, a educação e o mercado de trabalho. O compartilhamento de experiências e a solidariedade entre mulheres têm sido essenciais para fortalecer essas lutas e promover mudanças significativas. Assim, a história do feminismo é marcada por uma contínua evolução, onde cada conquista se torna um alicerce para as futuras gerações.

5.2 PROTAGONISMO IDENTITÁRIO DAS MULHERES NEGRAS DO CAMPO DO ASSENTAMENTO E COMUNIDADE QUILOMBOLA

As mulheres negras do campo foram alcançando a relevância de lutar por seus direitos, compreendendo a importância de suas ideias. Ou seja, envolveram, também, a relevância de seu papel de fazer, de sua atuação no espaço da comunidade onde vivem. Aprenderam que são sujeitos históricos importantes e que precisam intervir na construção da sociedade, tendo em vista os longos anos de exclusão, quando foram vilipendiadas no direito de participar das atividades políticas e sociais do lugar onde viviam. Tal fato aconteceu em virtude de uma energização do preconceito cultural que determinava o lugar da mulher e os espaços nos quais elas podiam atuar. Quando se sugeriram sair da condição de dona do lar, mudaram o curso de suas próprias vidas, vindo a ser protagonistas de suas famílias e de sua comunidade.

Segundo Souza e Ribeiro (2023), as comunidades negras rurais do início do século XX eram marcadas por deslocamentos frequentes em busca de moradia e trabalho. Com o tempo, o comércio de produtos agrícolas se consolidou como principal fonte de sustento, mas de forma diferente do período colonial, quando a maior parte da produção era monopolizada pelos fazendeiros. Hoje, essas comunidades mantêm tradições de produção, como a fabricação de farinha e derivados da mandioca, garantindo uma fonte de renda e subsistência. Essa autonomia representa não apenas a continuidade de práticas ancestrais, mas também uma resistência histórica, que permite às comunidades um maior controle sobre sua produção e sobre suas condições de vida, reafirmando suas identidades culturais e modos de vida.

Entender os saberes oriundos da história de vida de uma pessoa de grupos, envolve uma reflexão profunda sobre suas vivências e experiências. Essas histórias moldam a identidade e a

forma como cada um interpreta o mundo. Ao considerar fatores como cultura, família, educação e contextos sociais, podemos obter uma compreensão mais rica e completa do indivíduo.

A sua reflexão sobre identidade e cultura é bastante profunda. Realmente, a identidade se constrói em relação ao outro e em um contexto social, onde as diferenças são enfatizadas. A cultura, por sua vez, oferece o pano de fundo que molda essas identidades, mas não as define completamente. Essa dinâmica de poder e de interação é essencial para entender como os grupos se articulam e se defendem frente a pressões externas. A luta pela afirmação da identidade muitas vezes reflete tensões sociais, políticas e históricas que são fundamentais para o desenvolvimento e a preservação das características únicas de cada grupo. Essa “queda de braço” entre imposição e superação destaca a importância do diálogo e da resistência cultural. Corroborando nesse sentido, Silva (2011, p. 81) explica:

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocente.

Esse estudo aborda a das mulheres negras do campo sob a perspectiva do protagonismo feminino, destacando como a identidade coletiva das mulheres se forma nesse contexto. Ao analisar a consciência coletiva e a individual, é possível entender como as experiências e ações compartilhadas contribuem para a construção de uma identidade e uma luta mais coesa. O foco no agir coletivo revela a importância da solidariedade e da mobilização, evidenciando as nuances das experiências femininas nesse processo. Como essas dinâmicas influenciam a percepção das mulheres sobre seu papel na luta e na sociedade.

No entanto, isso reflete um processo importante de empoderamento e coletividade entre as camponesas. Ao se unirem e compartilharem suas experiências, elas não apenas reconhecem suas condições individuais, mas também a força que possuem como grupo. Essa consciência do "nós" é fundamental para a luta por direitos e por um espaço digno, já que a organização coletiva permite que suas vozes sejam ouvidas e suas demandas sejam legitimadas nas relações sociais. Esse movimento não só transforma suas realidades pessoais, mas também contribui para mudanças estruturais na sociedade.

Diferentemente do que propuseram muitos de seus teóricos, o conceito de empoderamento é instrumento de emancipação política e social e não se propõe a “viciar” ou

criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários.

Conforme Berth (2019), refletir sobre a presença e visibilidade das mulheres do campo nas ciências humanas e sociais é essencial para ampliar e diversificar o conhecimento acadêmico. Documentar e valorizar suas histórias e experiências não apenas assegura o reconhecimento de suas trajetórias, mas também desafia estruturas que tradicionalmente invisibilizaram essas vozes. Esse tipo de pesquisa resgata narrativas marginalizadas e contribui para um saber mais inclusivo, representativo e sensível às questões de gênero, raça e classe. Ao dar voz a essas mulheres, a academia se torna um espaço mais democrático e plural, onde múltiplas perspectivas e experiências são legitimadas e respeitadas, promovendo um conhecimento mais justo e conectado à realidade social.

Desdobramentos dos postulados feministas nas esferas comunitárias, os postulados feministas têm gerado transformações significativas em comunidades, promovendo discussões sobre igualdade de gênero, direitos reprodutivos e violência contra a mulher. Muitas iniciativas comunitárias têm buscado incorporar a perspectiva de gênero, fomentando um ambiente onde as vozes femininas são ouvidas e respeitadas.

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as 19 relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos (Berth, 2019, p.19).

Dessa maneira, sobre essas experiências podem provocar mudanças nas dinâmicas sociais, levando a uma reavaliação dos papéis de gênero e das hierarquias existentes. Ao considerar as perspectivas de homens e mulheres, é possível ampliar a compreensão sobre como cada um se posiciona e atua dentro dessas lutas, promovendo um diálogo mais inclusivo e transformador. Essa reflexão pode inspirar práticas mais equitativas e justas nas esferas sociais e na luta por direitos.

A seguir abordaremos e contaremos a história e todo o processo de luta da Associação das Mulheres Negras do Campo, assim como a evidencição de suas narrativas e protagonismo quanto mulheres negras de assentamento e comunidade quilombola.

6 SEGUNDA CARTA

Para Severina Rodrigues de França (Bila)

Olá Bila, sei que não chegamos a nos conhecer queria que tivesse sido possível mas infelizmente isso não ocorreu devido a maldade e a ganância do homem, mas sei que você e os demais agricultores lutaram arduamente para que todos pudessem ter e permanecer em um pedaço de chão, não acompanhei a luta que vocês travaram naquela época mas sei dela como se a tivesse vivenciado com vocês pois quem passou por todo aquele conflito da época relata e ainda tem a história viva em suas memórias e é através dessas pessoas que nós dessa geração temos conhecimento do que se passou com os moradores de Gurugi e demais localidades.

Mas o que também quero lhe contar Bila é de como o Gurugi está mudado e evoluído, atualmente no assentamento temos uma escola de ensino fundamental I, uma escola de fundamental II, uma creche, uma UBS quilombola essas são algumas das nossas conquistas dentro da comunidade, assim como também uma associação de mulheres negras do campo, que logo a seguir contarei um pouco de sua história:

O Grupo Mulheres Negras do Campo que surgiu no ano de 2015 com o intuito de fazer o beneficiamento das raízes que são produzidas na comunidade, e assim fazendo com que as mulheres da comunidade consigam ter sua independência financeira e poderem ajudar em suas casas.

O grupo iniciou-se através da assistência técnica do INCRA a COASP quem em seus acompanhamentos nas comunidades e assentamentos viram que havia um grande desperdício de frutas e raízes e então deram a proposta de formar um grupo para as mulheres da comunidade de Gurugi II, então como as mulheres já tinha o interesse de formar um grupo para beneficiar a polpa de fruta que no entanto a comunidade onde vivem é rica em frutas de imediato aceitaram a proposta da assistência técnica, e assim começaram o trabalho de ir de casa em casa convidando as mulheres para que o grupo fosse formado, no entanto como ainda não havia uma estrutura adequada para beneficiamento da polpa de frutas a assistência técnica sugeriu que as mulheres inicialmente começasse trabalhando com salgados a base da macaxeira, do inhame e da batata doce, tubérculos muito produzidos na região o grupo se formou-se com 25 mulheres de várias faixa etárias inicialmente elas não tinham onde se reunirem para fazer reuniões então pegaram emprestado a chave de associação de idosos, mas em certo momento quando o espaço não pode mais ser cedido as reuniões das mulheres, essas reuniões passaram a ocorrer embaixo de um pé de Mangabeira fruta nativa da região.

Mais no decorrer de todo um processo iniciado muitas das mulheres precisaram desistir de continuar no grupo pois muitas delas tinham que voltar a ajudar seus maridos na roça, e algumas tinham que ir em busca de trabalhos em outros espaços pois eram mães solo e tinham que manter a casa, por que o momento era de investir no crescimento do grupo e não geraria um lucro tão rápido quanto elas queriam, tatas desistiram que chegou o momento em que só ficaram 8 mulheres para manter o sonho e o empreendimento de pé. Do começo e até mesmo no decorrer de todo o processo não foi e não é fácil, mas elas se mantiveram firmes e fortes para que esse grupo de mulheres não se tornasse mais um grupo que se formou e acabou tão rápido em Gurugi.

Em outubro de 2023, esse grupo de mulheres conseguiu um marco importante, para o funcionamento da associação, “por meio de uma votação unânime, os parlamentares aprovaram o Projeto de Lei nº 014/2023, que reconhece a Associação das Mulheres Negras do Campo em Gurugi II como Utilidade Pública Municipal” (BRASIL, 2023). A Associação se reúne uma vez por mês para fins de controle, mas mantém uma comunicação ativa durante a semana, principalmente via WhatsApp, para abordar as demandas emergentes e manter o diálogo constante. Nas eleições, elas adotam uma abordagem colaborativa para distribuir os cargos de liderança, como presidente, secretário e tesoureiro, seguindo os procedimentos legais.

O interessante na produção desses alimentos é a não utilização de produtos industrializados, até mesmo para grandes demandas existem outros meios de tornar isso possível, pois quando à pedidos feitos pelo PNAE e PAA elas fazem uma grande quantidade de bolos e pães para fornecer a todas as escolas e creches da Prefeitura do Conde, eventos, festas, Coffee break, no próprio prédio de fabricação, na lanchonete, recebem visitantes, realizam oficinas e dentre outras atividades.

Utilizam farinha orgânica e integral para atender demandas específicas. Sem deixar nenhum público de fora porque elas atendem desde que consumem carnes e produtos naturais.

Outro fato importante, que merece destaque é o trabalho de base que elas desenvolvem junto com os agricultores do Assentamento que é a produção dos alimentos de forma agroecológica, livre de agrotóxicos, com o objetivo de preservar a os recursos naturais da região e também promover a melhoria da saúde de quem consome os alimentos e de quem passa pela comunidade e do turismo que desfruta do restaurante.

A demanda aumenta significativamente durante a alta temporada devido ao fluxo do turismo na região, o que leva à contratação de residentes da comunidade elas também têm um espaço que serve para receber os visitantes assim como restaurante quando tem demanda para tal.

A união e determinação dessas mulheres trouxeram inúmeros benefícios para a comunidade, promovendo uma verdadeira irmandade que antes era inexistente. Agora, elas são reconhecidas pelo seu papel e têm contribuído para aumentar a visibilidade do assentamento, especialmente das mulheres negras que enfrentam o preconceito diariamente, uma vez que o assentamento é remanescente de quilombolas.

Fruto dessa união surgiu algo importante, “antes da associação as mulheres não tinham uma boa inter-relação, só se cumprimentavam quando se viam na rua, hoje pode-se dizer que existe uma irmandade”, hoje em dia elas têm o reconhecimento do papel delas dentro da comunidade, até porque desenvolvem suas rendas sem precisar se deslocar para outras localidades. E de certa forma também trouxeram mais visibilidade para o assentamento e também para as mulheres negras que lutam dia a dia para ter reconhecimento na sociedade. Até porque o assentamento é remanescente de quilombola e são pessoas que sofrem com preconceito diariamente.

As principais dificuldades enfrentadas pela associação, incluindo a falta de transporte para entrega dos produtos, a necessidade de estabelecer parcerias e a importância de capacitar os jovens da comunidade para que possam se envolver em atividades como guias de turismo, tendo em vista que estão localizados em uma região de litoral e em alta estação recebem turistas.

Portanto, o desenvolvimento na Associação das Mulheres Negras do Campo é uma história de superação, resiliência e dedicação. “Luta, resistência e perseverança”, como frisado pela entrevistada, e capturam a essência desse desenvolvimento. Apesar de não possuírem nenhum tipo de parceria do governo, e sofrerem dificuldades para fazer as entregas dos produtos produzidos, por não haver um meio de transporte fixo que ajude nas atividades do dia a dia. A associação não só transforma vidas dentro da comunidade, mas também oferece um exemplo inspirador de como a união e a determinação podem criar oportunidades sustentáveis e empoderadas, algo que serve de motivação para o andamento dessa associação, em linhas gerais, o trabalho dessas mulheres é enriquecedor, pois preserva a cultura adquirida pelas gerações e favorece a economia local, além de da valorização das inter-relações dentro e fora da comunidade.

Testemunho 1 – Quem são essas mulheres?

Essas mulheres elas tiveram que eu sempre tenho uma frase que teve que insistir para existir nesse lugar um lugar que não é tão conhecido não é visto e onde as mulheres não tinham oportunidade. As nossas oportunidades como a minha de vida era casar nova se encher de filhos

e trabalhar na roça na lavoura. Se quisesse outra oportunidade nós teremos que ir para as casas de famílias, para os bares, para os restaurantes das praias que são aqui próximo. Mas nós resolvemos lutar dentro da nossa própria comunidade, criando outra Associação de mulheres e lutando para os nossos direitos dizendo as pré-adolescentes e a jovem que não é bom engravidar e sim estudar né estudar tem um futuro e depois mais para frente ter os seus filhos né? Que nossa vida não é só da lavoura. Nós temos direito de outros lugares também de um estudo de uma faculdade dizendo para jovens destas comunidades como para eu para minhas filhas que tenho duas filhas dizendo para elas para conquistar e lutar pelos seus direitos. Isso são essas mulheres. Hoje somos formamos em 25 mulheres que hoje restaram 7 Mulheres, mas ainda continua resistindo para conquistar o nosso espaço. Os nossos direitos que nós temos.

Temos aqui irmãs né que tem eu e minha irmã, eu tenho minha filha tem as primas das minhas filhas né? Que são tão da família. São todos parênteses como prima e irmãs né? Tem um algumas que é cunhado aqui. Saíram agora umas que já saíram, mas todos somos famílias de primeiro e segundo grau.

Como começou essa história da associação, do grupo de mulheres negras do Campo?

O INCRA ele visitava a nossa comunidade né? E havia uma Cooperativa denominada de Cooperativa da Agricultura e Serviços Técnicos do Litoral Sul Paraibano – (COASP- PB) prestava assistência técnica para o Incra e veio visitar a comunidade visitar os animais e as agricultores/as. E as meninas que vem com esse pessoal nos conheceu as mulheres e perguntam essas mulheres não queriam formar um grupo para fazer o os produtos à base de raiz, como a gente já trabalhava fazendo o beiju fazendo a farinha né? E o a tapioca. A gente achou muito interessante e o que ela propôs para a gente. Só que na primeira rodada a gente se sentou debaixo de um pé de mangaba, fez a primeira reunião com 25 mulheres, disposta a mudança de vida a fazer história no nosso lugar. Só que eles começaram a pedir R\$ 10,00, as mensalidades e não foi fácil para a gente porque a gente não tinha nem R\$ 10,00, para dar isso foi em 2015 dia 26 de julho de 2015, mas mesmo assim a gente se reunimos, mesmo sem ter dinheiro nos reunimos no mesmo ano em outubro e outubro de 2015. A gente já tinha com dinheiro para comprar um fogão E aí a gente viu que esse grupo de mulheres Associação de mulheres que a gente levantou negras do campo daria certo dentro da própria comunidade e continuamos ficamos numa casa de uma companheira conhecida como Beatriz. Não deu certo saiu foi para uma casa emprestada de um Granjeiro aqui perto da nossa comunidade. Mas em 2019 nós conseguimos construir a nossa cozinha. Não foi fácil muita luta e fizemos até empréstimo sem ter com medo. Muitas mulheres com medo de dar seu próprio nome para o banco. Mas a força de vontade era tão

grande que uma acreditou e uma outra e fizemos esse empréstimo. Nós fizemos um empréstimo do empreender no valor de R\$ 24 mil, três mulheres, nome da pessoa física e não foi fácil. Mas vendendo porta salgados a gente conseguiu pagar esse empréstimo. Construímos uma nossa cozinha conquistamos muitas coisas de nossos direitos. Hoje nós servimos, colocamos merenda escolar para o município né? Muito bom a merenda própria nossos filhos nossas famílias recebem das nossas mãos né? Os bolos, os pães e outros alimentos que nós fabricamos dentro da nossa da nossa cozinha a outras as outras mulheres que desistiram não por não querer ficar, mas por ser maltratado pelos seus próprios esposos quando dizia para elas que elas estão inventando neste lugar onde dizia que não ia ter futuro o que a gente tava construindo E algumas tiveram que sair para evitar briga com seus esposos. Outras desistiram porque precisava trabalhar outra porque não acreditaram também né? Não acreditaram, mas algumas a gente já tá trazendo de volta. Já tá trabalhando ganhando seu dinheiro porque hoje a gente já temos condições né de dar um pouco para elas do que a gente recebe pelas merendas escolar. Hoje nós estamos reconhecidos pela Câmara dos Vereadores do nosso município do conde como utilidade pública. Temos ganhado nossos espaços né? Os nossos as nossas jovens e se estão estudando, tendo oportunidade de descobrir o que tem umas portas abertas e elas vão atrás alguma dentro da nossa própria comunidade. Isso é Conquista para nós hoje eu estou dando esse depoimento aqui falando para vocês e já me sentindo realizada que eu era uma pessoa que era da roça para minha casa. Tinha medo de pessoas medo de falar de me comunicar, mas hoje tive que deixar a vergonha de lado a timidez para ter força de vontade para continuar lutando pela minha própria comunidade, pela minha vida, pela vida das minhas filhas pela vida, nossas famílias que são muitas e muitas mulheres nesse lugar precisa ser ajudado, né? Ser entendida sair de vários casamentos abusivos ter o seu direito de ir de voltar de fazer a sua vontade e não fazer sua vontade das outras pessoas. Isso é a história de negras do campo e da nossa comunidade de Gurugi II.

Qual a matéria prima que vocês utilizam para fazer os produtos?

Nós trabalhamos com nossa própria agricultura né o nosso inhame a nossa batata e a nossa macaxeira. Nós tiramos o inhame e fazemos os pães. Coxinha panetones brigadeiros pastéis torradas da mesma forma fazemos com a macaxeira e com a batata pão doces, diversos tipos de pães e um relato que eu gostaria de falar é o valor da nossa das nossas raízes dentro da nossa Comunidade da nossa agricultura. Em 2020 o quilo de inhame, é uma arroba de inhame que são 15 kg, deu R\$ 16 reais, o valor da arroba do inhame deu R\$ 16 reais, saindo cada quilo com menos de dois reais. A gente aqui das negras do campo a gente pega esses inhames e traz

para dentro da nossa comunidade transforma em alimentos e a gente não sabia que as nossas raízes ela podia ser transformada e tantas coisas em diversas comidas. Hoje nós fazemos diversos alimentos através de uma raiz e ela começou a ter valor. Ela começou a ter valor quando um quilo de inhame na nossa comunidade não vale R\$ 2 reais. Os nossos pães 1 kg de pão vale R\$ 22 reais. Isso para nós é conquista.

Quem é Claudineide?

Eu sou uma mulher. Como eu disse lá no comecinho tinha medo de sair medo de pessoa, medo dos acontecimentos. Lá atrás com o nosso. Com nossos antepassados e desacreditada e que um dia pudesse estar onde eu estou hoje né? Eu posso dizer que eu resistir para existir como eu disse logo no começo e hoje eu tô existindo vindo para vários lugares vários eventos. A poucos dias fomos para um evento onde o meu nome saiu Claudineide Rodrigues dos Santos Ferreira e em baixo tinha empresária, mas o meu nome era nada e hoje eu vou para os eventos e vou com crachá dizendo que eu sou hoje uma empresária para mim isso é conquista e isso é hoje que eu sou Claudinei Rodrigues dos Santos Ferreira, uma microempresária.

Quais são os desafios e os limites? Você vê algum desafio? Algum limite?

Eu acho que o meu pior desafio para nós dar as mulheres é as próprias mulheres acreditar em nós mesmos dentro da própria comunidade, porque a nossa comunidade ela foi tão enganada pelas pessoas, pelas histórias. A nossa história é tão sofrida e ao mesmo tempo tão rica que as pessoas a usaram para usufruir crescer e enriquecer e deixaram o nosso povo sofrer que hoje a gente tá falando a verdade, querendo crescer junto com o nosso povo e ele não acredita mais. Eu queria que a minha comunidade se acordasse acreditasse e viesse junto com a gente nessa luta para transformar esse lugar Gurugi em um lugar aconchegante para o turista para os visitantes que vem nos visitar. Isso é o maior desafio para nós é dentro da própria comunidade e também os políticos né abrir mais as portas para nós nos dá mais oportunidade que nós temos capacidade de fazer mais, mas eles têm também que acreditar na nossa capacidade de fazer. Eu sempre fui pra uma ong chamada Pequeno Davi e eu sempre guardei uma frase que eu escutei lá dizendo “quando o povo se junta o poder se espalha”. Se nós mulheres nos juntar, nós somos muitos fortes, né? Para fazer o poder da existência existir. (Claudinei Rodrigues dos Santos Ferreira, Neide).

Testemunho 2 – Opiniões das mulheres da comunidade

O que você acha do trabalho que as mulheres negras realizam com a macaxeira, o inhame e a batata doce?

Eu acho uma boa porque serve até para a gente né? porque serve da gente comprar outras pessoas, o tipo das coisas que vocês fazem aí a gente já compra aqui, de a gente comprar na feira já tem aqui próprio no lugar para a gente se alimentar o que a gente não pode mais fazer. Mas graças a Deus tem as jovens e os jovens.

E já provou das comidas?

As comidas são muito boas mesmo pudesse eu comprava todo dia, mas a gente não tem condições né.

Como você vê o empreendimento?

Para mim é um sucesso muito grande para quem faz e para a gente no lugar (Iris de Fatima Nascimento, Baia).

Testemunhos – Narrativas das mulheres negras da associação.

Como o ativismo feminino tem contribuído para a preservação das tradições e cultura quilombola na comunidade? Tem um papel fundamental na transferência de conhecimento entre crianças e jovens, onde o conhecimento é passado de geração em geração, com objetivo de serem preservado. Cujo situação passada tenha uma nova perspectiva (Cheila Rodrigues da Silva, Dande).

O ativismo feminino tem contribuído na autonomia e direitos que muitas mulheres que em outros tempos não tinham, trazendo oportunidade de trabalho através da arte e culinária regional em outros tempos só do salário trazido pelo marido ou em muitos casos só dependiam do bolsa família e hoje se tem mais autonomia não deixando de lado suas raízes (Claudete Rodrigues de Lima, Dete).

Quais desafios vocês enfrentam ou enfrentaram na comunidade? Os conflitos comunitários, o desemprego da época, a escassez de recursos públicos e problemas sociais (Cheila Rodrigues da Silva, Dande).

Enfrentamos a luta pela ocupação da terra, e nos tempos atuais muitas pessoas ainda desacredita da nossa capacidade de crescer profissionalmente por ter sofrido tanto com a luta da terra (Claudete Rodrigues de Lima, Dete).

Qual é o papel das mulheres na manutenção da identidade quilombola em Gurugi II? Elas transmitem as tradições das gerações antigas, preservam os recursos naturais e é essencial para a sobrevivência do seu habitat, além de produzir seu próprio alimento (Cheila Rodrigues da Silva, Dande).

Passar a tradição da cultura para os jovens e trabalhar com eles a sua liberdade de expressão (Claudete Rodrigues de Lima, Dete).

Como você vê a participação das mulheres nas decisões políticas e sociais da comunidade? Com direito e capacidade de ocupar todos os espaços desejado (Cheila Rodrigues da Silva, Dande)

Nos tempos atuais vejo essa participação com igualdade (Claudete Rodrigues de Lima, Dete)

Como o preconceito ou discriminação de gênero afeta sua atuação na comunidade? Resulta na exclusão de um determinado indivíduo, afetando sua formação de identidade, perpetuando um ciclo danoso na comunidade (Cheila Rodrigues da Silva, Dande)

Por ser mulher ainda se tem o preconceito de ser mulher mais todo dia lutamos para que nossa voz seja mais ouvida ainda (Claudete Rodrigues de Lima, Dete)

Como as mulheres mais jovens da comunidade têm se engajado em atividades de liderança e ativismo? Na independência financeira por serem eficazes e erguerem seu próprio negócio, na formação profissional (Cheila Rodrigues da Silva, Dande)

Na culinária na arte e na política tem levando cada vez mais a nossa identidade para ser vista e tem alcançando lugares de destaques mais ainda sim se tem muito caminho pela frente (Claudete Rodrigues de Lima, Dete).

Que apoio você recebeu da comunidade ou de fora para desenvolver suas atividades como ativista? Apoio voluntário, onde a comunidade se organizou para que um empreendimento fosse construído (Cheila Rodrigues da Silva, Dande)

Tivemos o apoio do Incra juntamente com a COASP e outras entidades que nos deu a oportunidade desenvolver um trabalho e através deles levar a nossa história de luta. (Claudete Rodrigues de Lima, Dete)

Quais são as principais estratégias que você utiliza para promover o empoderamento das mulheres na comunidade? Tratar todos de forma justa em todos os ambientes, além de promover desenvolvimento profissional (Cheila Rodrigues da Silva, Dande)

Levando nossa história através da nossa culinária (Claudete Rodrigues de Lima, Dete)

Você acredita que as práticas culturais e tradicionais da comunidade incentivam o protagonismo feminino? Como? Sim, tornando-se as pessoas, mas autônoma e com opiniões diferentes (Cheila Rodrigues da Silva, Dande)

Sim, é através dessas práticas que ressaltamos que a cultura é passada de geração em geração e essas passagens são feitas na maioria das vezes por mulheres (Claudete Rodrigues de Lima, Dete)

Quais iniciativas você acredita serem fundamentais para o futuro das mulheres quilombolas na sua comunidade? Liderança, igualdade de oportunidades e inclusão e não discriminação (Cheila Rodrigues da Silva, Dande)

Reunião com outros grupos representantes, oportunidades na política, oportunidades de emprego, incentivo educacional voltando as tradições da comunidade etc. (Claudete Rodrigues de Lima, Dete)

Quais mudanças você gostaria de ver em Gurugi II nos próximos anos, especialmente em relação ao papel das mulheres? Mais mulheres empreendedoras e autônomas, mulheres sem limites de conquistar o que almeja (Cheila Rodrigues da Silva, Dande)

Que haja mais incentivo na educação, programa social que ajude no empreendimento e acima de tudo que cada mulher acredite no seu potencial que enxergue muito além da sua visão limitada acredite que podemos ter voz e vez. (Claudete Rodrigues de Lima, Dete)

Quais os produtos são produzidos pela Associação das Mulheres Negras do Campo? Pães feitos de raízes salgados e doce (batata doce, inhame e macaxeira) geleias (abacaxi, com pimenta, com hortelã, acerola, uva e mangaba.) Bolos de macaxeira e bolos tradicionais (Cheila Rodrigues da Silva, Dande)

Pães doces e salgados. Salgados todos feitos com tubérculos e geleias com frutas nativas (Claudete Rodrigues de Lima, Dete)

Que conselhos você daria para as futuras gerações de mulheres quilombolas que desejam se tornar líderes comunitárias? Escolha sua organização com base em seus valores, tenha inteligência emocional e trilhe seu sonho com persistência. (Cheila Rodrigues da Silva, Dande)

Ser mulheres empoderadas e ter autonomia e acreditar em si mesmo. (Claudete Rodrigues de Lima, Dete).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos esse trabalho de suma importância para com o desenvolvimento, divulgação do trabalho e protagonismo das mulheres, reconhecimento do trabalho, enfatizando os alimentos de qualidade que as mesmas produzem para que possam ser consumidos e que levem bem estar e saúde para os consumidores, também se é importante lembrar e citar o processo de lutas e resistências que tiveram durante todo o processo de construção do grupo hoje registrada como associação, elas realizam um trabalho maravilhoso no beneficiamento das raízes.

Desse modo isso é muito inspirador, o papel das mulheres na luta por transformações sociais é fundamental, e o reconhecimento dessas conquistas é um passo importante para a igualdade. O protagonismo delas permitiu mudanças na postura de olhar, o espaço como fortalecimento que sua atuação não se resume apenas aos cuidados doméstico ou familiar, mas perpassa todo esse postulado cultural e atinge as esferas, sociais, políticas e econômicas da sociedade das comunidades onde vivem.

Nesse contexto, as mulheres conquistaram liberdade de viver, de plantar e colher na terra, de empreender livremente, mesmo que não tenha sido uma tarefa fácil, liberta-se das amarras culturais que lhes determinava o lugar que devia atuar, no enfrentando do discurso a elas direcionado: -aqui não é lugar de mulher. No entanto, não se negaram também a contribuir com a luta permanente de viver na terra, empreendidas por novas formas de conquistas. Por isso, está pesquisadora e, também estudante, registra essa história, para que as mulheres assumam seu lugar de protagonismo nas ciências humanas e sociais.

Para efeito deste estudo, faz-se necessário que, mais e mais, o campo adentre a Universidade, e que esta, por sua vez, direcione o seu olhar para o campo, como um lugar social, histórico e político onde tenha o direito de trabalhar e transformar as relações sociais de gênero.

Alguns temas foram abordados, embora se saiba da existência de muitas lutas que precisam ser travadas pelas mulheres, apesar de todas as conquistas dos movimentos de mulheres pelo mundo afora,

REFERÊNCIAS

- BERTH, J. **Empoderamento: feminismos plurais**. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.
- GIL, A.C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: editora: Atlas, 2002.
- MARX, K. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Martin Claret, (Coleção a obra-prima de cada autor, 192) 2004.
- MOREIRA, E. **Por um Pedaco de Chão**. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1997.
- OLIVEIRA, L. G. dos S. de Um guardião do guardião: o oco do mundo e as cartas etnográficas. **Iuminuras**, Porto Alegre, v. 23, n. 61, 2022.
- SOUZA, C. G. de; RIBEIRO, D. de A. Reflexões sobre práticas alimentares em comunidades quilombolas e os impactos do racismo na invisibilização dos saberes. **Revista de Alimentação e Cultura das Américas (RACA)**, v. 4, n. 1, p. 89–104, 2023.
- SILVA, A. R. da. **A história do assentamento Gurugi II no município do Conde – PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – Paraíba, Brasil, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FOTOS

Foto 1 – Logo marca do grupo Figura



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 2 – Produção de pães e salgados



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 3 – Almoço feito pela associação



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 4 – Pessoas do grupo e do projeto baobá



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 5 - Pessoal de Brasília e com parceria com a CUT



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 6 - Intercambio em Areia Camaratuba



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 7 – Oficina com as mulheres (Barar



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 8 – Evento em João Pessoa – PB



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 9 – Pastel de batata doce beterraba



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 10 – Pastel de batata doce cenoura



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 11 – Torta 100% macaxeira



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 12 – Bolos para a merenda escolar do município



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 13 – Sede da Associação (antes)



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Foto 14 – Sede da Associação (depois): recepção dos turistas



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Como o ativismo feminino tem contribuído para a preservação das tradições e cultura quilombola na comunidade?
2. Quais desafios vocês enfrentam ou enfrentaram na comunidade?
3. Qual é o papel das mulheres na manutenção da identidade quilombola em Gurugi II?
4. Como você vê a participação das mulheres nas decisões políticas e sociais da comunidade?
5. Como o preconceito ou discriminação de gênero afeta sua atuação na comunidade?
6. Como as mulheres mais jovens da comunidade têm se engajado em atividades de liderança e ativismo?
7. Que apoio você recebeu da comunidade ou de fora para desenvolver suas atividades como ativista?
8. Quais são as principais estratégias que você utiliza para promover o empoderamento das mulheres na comunidade?
9. Você acredita que as práticas culturais e tradicionais da comunidade incentivam o protagonismo feminino? Como?
10. Quais iniciativas você acredita serem fundamentais para o futuro das mulheres quilombolas na sua comunidade?
11. Quais mudanças você gostaria de ver em Gurugi II nos próximos anos, especialmente em relação ao papel das mulheres?
12. Quais os produtos são produzidos pela Associação das Mulheres Negras do Campo?
13. Que conselhos você daria para as futuras gerações de mulheres quilombolas que desejam se tornar líderes comunitárias?